

MUSEU AO VIVO

Ano XIV - nº 25 - Dezembro de 2003 - Informativo do Museu da Índia/FUNAI

EDIÇÃO ESPECIAL



Kusiwa
padrões gráficos Wajápi
Obra-Prima da Humanidade



Rio de Janeiro, 7 de novembro de 2003

Nós Wajápi estamos muito felizes porque ganhamos o prêmio da Unesco que escolheu nossa cultura como patrimônio imaterial da humanidade. Nós achamos que este prêmio é o reconhecimento do trabalho que nós estamos fazendo há muito tempo para fortalecer cada vez mais a cultura wajápi.

Nossa cultura wajápi é muito forte porque nós já demarcamos nossa terra e continuamos sempre fazendo vigilância para não ter invasões dos não-índios. Nós Wajápi nunca vamos deixar nosso modo de vida, como por exemplo as nossas festas, a nossa pintura corporal, o nosso jeito de mudar sempre as aldeias de lugar para não acabar com os recursos naturais. Nós nunca vamos esquecer nossa cultura porque continuamos ensinando nossos filhos e netos na escola e no dia-a-dia. Nós temos nossa proposta curricular diferenciada, que está sendo construída pelos próprios professores wajápi para fortalecer a cultura wajápi na escola. Mas também fora da escola nós ensinamos nossos conhecimentos para as crianças, através da nossa tradição oral, das histórias, dos conselhos, das festas, dos rituais, das pinturas, das conversas dos pais com os filhos, dos diálogos dos velhos, das caçadas e caminhadas na mata.

Outra coisa que ajuda a fortalecer nossa cultura é a nossa organização, o Conselho das Aldeias Wajápi – Apina. Também tem nosso parceiro, o lepé – Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, que trabalha junto com o Apina no "Programa Wajápi", com atividades nas áreas de educação, saúde, cultura, terra e ambiente. O objetivo principal do "Programa Wajápi" é formar os Wajápi para serem autônomos e não dependerem dos não-índios. Além do lepé, tem outros parceiros que estão ajudando o programa de fortalecimento cultural wajápi, que são o Museu do Índio da Funai e no Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo.

Faz tempo que estes parceiros estão pesquisando nossa cultura junto com pesquisadores wajápi e eles ajudam a explicar nossa cultura para outros não-índios. Nós queremos que os não-índios conheçam nossa cultura para respeitar nossos conhecimentos e nosso modo de vida. Se os não-índios não respeitam nossa cultura, até os nossos próprios jovens podem começar a desvalorizar nossos conhecimentos e modo de vida. Por isso nós queremos apoio para continuar este trabalho como os nossos parceiros, de formação dos Wajápi e também de formação dos não-índios para entender e respeitar os povos indígenas.

Atenciosamente,

Kasiripiná Wajápi

Kasiripiná Wajápi

Kaiku Wajápi

Kaiku Wajápi

Tarakua'sí Wajápi

Tarakua'sí Wajápi

Japarupi Wajápi

Japarupi Wajápi

Jawapuku Wajápi

Jawapuku Wajápi

p/ Conselho das Aldeias Wajápi/Apina

*O documento foi encaminhado para diversas autoridades governamentais brasileiras.



atamari Siro Wajápi/2000-2001



Quem são os Wajápi?

Com uma população de 650 indivíduos, distribuídos entre 40 aldeias na Terra Indígena homônima, demarcada em 1996, os Wajápi que vivem no Amapá são parte de um povo outrora muito mais numeroso, formado por sub-grupos independentes e cuja população total foi estimada em cerca de 6 mil pessoas no início do século XIX. Originam-se de um complexo cultural maior, de tradição e língua Tupi-Guarani e até o final do século XVII viviam ao sul do Rio Amazonas, numa região até hoje ocupada pelos grupos Asurini, Araweté e outros, todos falantes de variantes dessa mesma família lingüística. Mantêm uma conexão historicamente importante com os grupos Wajápi e Emerillon que vivem na Guiana Francesa. Entretanto, tanto as línguas como as formas de organização social e as manifestações culturais desses diferentes grupos expressam evoluções históricas particulares, com evidentes reflexos na diferenciação de suas socio-cosmologias.

MUSEU AO VIVO

Ano XIV - nº 24 - Maio a Dezembro de 2003
Informativo Museu do Índio/FUNAI

Edited by the Section of Social Communication
Museum of the Indian/FUNAI

Presidente da Funai
Mércio Pereira Gomes

Diretor do Museu do Índio
José Carlos Levinho

Jornalista Responsável: Cristina Botelho (Reg. Prof. 18.678) **Redação:** Cristina Boeckel, Cristina Botelho, Rosângela Abrahão **Revisão:** Cristina Boeckel, Cristina Botelho, Fabiane Chiesse, Rosângela Abrahão **Consultoria Técnica:** Arilza de Almeida **Fotos:** Dominique Tilkin Gallois **Seleção de Fotos:** Gê Stancke **Programação Visual:** Bernardo Lac **Tiragem:** 5 mil exemplares

Rua das Palmeiras 55 Botafogo - RJ CEP 22270-070
comunicação@museuindio.org.br
www.museuindio.org.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



Com Jorge Werthein *

MUSEU AO VIVO: Quais são as ações da Unesco em relação à proteção e à valorização do patrimônio cultural imaterial?

Jorge: Os programas "Tesouros Humanos Vivos" e "Proclamação das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade" são as principais ações da Unesco nesta área. "Tesouros Humanos Vivos" são pessoas que encarnam, em grau máximo, as habilidades e as técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e da perdação de seu patrimônio cultural material. A "Proclamação" tem como principais objetivos sensibilizar e mobilizar a opinião pública para o reconhecimento do valor do patrimônio oral e imaterial promover a sua identificação e conhecimento, assim como as formas legais de protegê-lo.

Em ambos os casos, a iniciativa de encaminhamento de propostas à UNESCO é dos países-membros e deve vir através dos governos, de organizações intergovernamentais, em entendimento com a Comissão Nacional para a UNESCO no país, assim como de organizações não governamentais que tenham relações formais com a UNESCO, sempre em entendimento com a Comissão Nacional. A análise é feita por especialistas internacionais, pautados pelo caráter da manifestação e pelo seu risco de desaparecimento.

Além desses, outros programas relevantes são a "Coleção de Músicas Tradicionais do Mundo" e o programa de "Preservação de Línguas em Risco de Extinção", através do qual apoiamos o "Inventário do Vocabulário Básico das Línguas Indígenas do Brasil", que está sendo elaborado pelo Museu do Índio.

MV: Em que sentido o reconhecimento da Unesco de uma expressão cultural é capaz de mobilizar o governo de um País a por em prática uma política de proteção eficaz desse patrimônio?

Jorge: Reconhecimento pela UNESCO significa reconhecimento pela comunidade internacional, por pessoas e instituições preocupadas com a preservação de bens culturais em todo o mundo, o que implica um maior compromisso e responsabilidade por parte dos países-membros. O exemplo mais conhecido é o título de Patrimônio Mundial, que, desde 1972, é conferido a sítios culturais e naturais de valor inestimável para a diversidade do Planeta. São vários os exemplos de mobilização de comunidades e governos para a preservação de seus patrimônios. Só no Brasil é possível citar os casos da rápida recuperação da cidade de Goiás depois das chuvas de 2001, da dinamização da economia municipal em Diamantina após o título de Patrimônio Mundial e das várias iniciativas tomadas este ano para reversão dos problemas de Ouro Preto. Todos os casos são exemplos de resposta à mobilização da opinião pública e à missão realizada pela UNESCO.

MV: Qual é a importância do reconhecimento pela Unesco de um bem cultural como Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade?

Jorge: Há muito reconhecemos a vulnerabilidade dos nossos sítios, monumentos, paisagens e biomas. O que não dizer então de bens cuja transmissão para gerações futuras está na dependência da preservação de hábitos e saberes de pessoas e comunidades, sobre as quais não se pode atuar a não ser com ações de estímulo e apoio? Ao lançar um foco sobre uma determinada manifestação cultural, como foi o caso das "Expressões Orais e Gráficas do Wajápi", a "Proclamação das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade" atua ao mesmo tempo como reconhecimento, como indução a compromissos e como estímulo à proteção de bens com valores análogos.

* Representante da UNESCO no Brasil, doutor em Educação.

As formas de expressão que os Wajápi selecionaram para o encaminhamento da candidatura submetida à UNESCO

Dominique Tilkin Gallois *
NHII/USP e Iepé

A tradição gráfica que os Wajápi do Amapá denominam *kusiwa* se aplica à decoração de corpos e objetos, envolvendo técnicas e habilidades diversificadas, como o desenho, o entalhe, o trançado, a tecelagem, etc. Sua função principal vai muito além do uso decorativo, sendo o manejo do repertório de padrões gráficos um prisma que reflete, de forma sintética e eficaz, a cosmologia e as práticas xamanísticas. Na vida cotidiana, a presença de seres não humanos que circulam nos mesmos espaços e com quem os humanos mantêm relações e etiquetas adequadas está posta desde a origem dos tempos. Nos trabalhos diários realizados nas roças ou na floresta, nos modos de preparar alimentos, nos cuidados com as crianças, nas formas de uso e manejo de espécies animais e vegetais, nos sonhos, na música, e outros, manifesta-se um elo profundo entre todos os seres que compartilham os mesmos ambientes. É deste elo que "falam" os grafismos *kusiwa* e as narrativas que os complementam. Assim, o sistema gráfico e as expressões orais acopladas não expressam apenas taxinomias, crenças e sentimentos, mas também processos históricos, que continuam validando os modos particulares de conhecer que os Wajápi utilizam para se situar no mundo contemporâneo. Eles contêm ao mesmo tempo um saber sobre as origens e o destino da humanidade, preceitos morais e valores estéticos, como todo um conjunto de conhecimentos práticos. Também armazenam a história de suas relações com outros grupos da região, inclusive com a população não-indígena. Remetem, portanto, a um processo cultural vivo, ou seja, dinamicamente enriquecido pela experiência de sucessivas gerações.

As narrativas míticas que sustentam o grafismo são enunciados que dependem da vivência de cada um, são ditos, não são textos. Enquanto falas situadas, importa saber por que tal pessoa contou determinada história neste lugar e naquele momento, produzindo enunciados sempre novos. Da mesma forma, a arte de combinar padrões *kusiwa*, aplicados no corpo, em objetos ou em folhas de papel, resulta sempre em composições inéditas. Quando desenham, é notável a segurança no traço, comparável à fluidez discursiva e à capacidade de construir narrativas sempre atualizadas. É esta capacidade criativa da expressão gráfica e oral que se deve buscar correspondências e complementaridade. Ou seja, não se trata de se perguntar "o que" desenhos e mitos devem continuar significando, mas de se perguntar "como" eles podem continuar a criar significados culturais. Não é a linguagem em abstrato que interessa salvaguardar, mas seus modos de execução – ou seja, sua capacidade de combinação e atualização – em conformidade com padrões de qualidade. Cabe ressaltar que, tanto no sistema gráfico como na enunciação de narrativas, não há cânone, nem fixidez. Não se trata de reproduzir, mas sim de compor, interpretar, para comunicar algo novo, pois são formas de expressão que contêm seu próprio



arcabouço transformativo. Por esta razão, é de valor excepcional a capacidade de atualização tanto do sistema gráfico como da tradição oral, proporcionando à comunidade meios de adaptação a novas realidades. Narrativas são reelaboradas e novos padrões decorativos são aprendidos, sempre no sentido de uma apropriação incorporada ao sistema de valores e significados mais vastos. É por isso que arte gráfica e arte verbal devem ser fortalecidas internamente – como desejam os mais velhos – não como expressões de um passado, mas como formas contemporâneas de codificação de significados culturais próprios do grupo Wajápi do Amapá.

Não é da natureza dos saberes e práticas criadoras de significados culturais, como o sistema gráfico e a arte verbal dos Wajápi do Amapá, serem associados à identidade. Nem era sua função ou característica constituir-se como "patrimônio". Porém, com os impactos das transformações sociais, ambientais e econômicas a que vêm sendo submetidos, sofrendo invasões em seu território e perdas na sua qualidade de vida, devido a sua crescente dependência da economia regional e de práticas assistencialistas desconexas, fortalece-se, gradativamente, entre os Wajápi, o entendimento da diferença que sua condição de "índios" representa. Foi no bojo dessas rápidas transformações que se processam, também de forma acelerada, significativas mudanças de valores na nova geração. Mais da metade da população Wajápi nasceu num contexto em que a escrita aprendida na escola procura dar conta de saberes "dos brancos" e do dinheiro, etc. E novas instituições são apropriadas como práticas cotidianas mais atraentes que o modo de vida dos "antigos". Mas é também nesse contexto que arte gráfica e tradições orais passam a ser reconhecidas como suportes exemplares para a expressão de um repertório diferenciado de saberes. Do ponto de vista dos Wajápi do Amapá, o sistema gráfico *kusiwa* tem valor excepcional, justamente por evidenciar um "estilo próprio" e por representar uma forma adequada de enunciar sua especificidade cultural. Sua valorização interna tem crescido com sua utilização para marcar fronteiras simbólicas e políticas. Se eles se tornaram referência, é justamente porque carregam uma ideia de verdade, consensualmente aceita e transmitida há gerações.

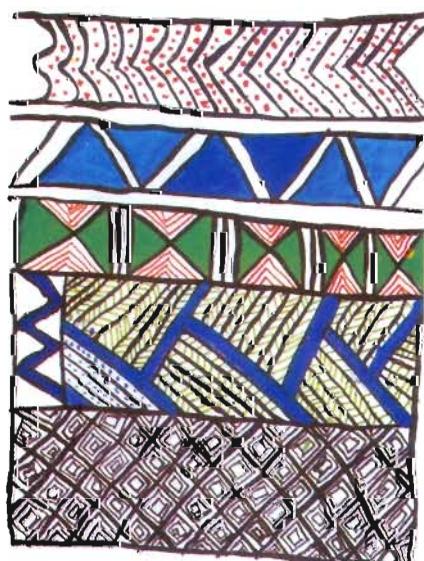
*Dominique Gallois é professora-doutora do Departamento de Antropologia e coordenadora do Núcleo de História Índigena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisa etnográfica entre os Wajápi e os Zo'é, com trabalhos publicados sobre a história, a cosmologia e o xamanismo destes povos Tupi da Amazônia.



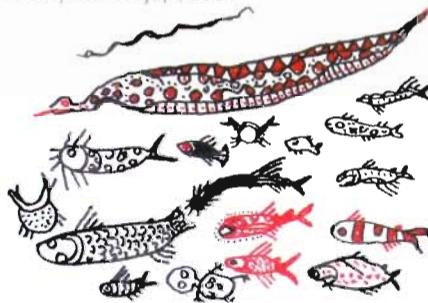
Plano de proteção do patrimônio imaterial dos Wajápi

O Museu do Índio/FUNAI, o Conselho das Aldeias Wajápi/Apina, o Núcleo de História Indígena e do Indigenismo/NHII da Universidade de São Paulo e o Núcleo de Educação Indígena/NEI, da Secretaria de Educação do Governo do Estado do Amapá, são as instituições diretamente comprometidas com a preservação e a revitalização das tradições gráficas e orais dos Wajápi do Amapá. A atuação dessas instituições acontecerá de forma articulada, cabendo ao Museu do Índio o papel de coordenador.

O dossiê de candidatura das formas de expressão gráficas e orais dos Wajápi do Amapá à Segunda Proclamação das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, promovido pela UNESCO, indica dois componentes de ações para colocar em prática uma política de proteção eficaz do patrimônio imaterial dos Wajápi e de outros grupos indígenas. O primeiro prevê a implementação de campanhas dirigidas aos múltiplos agentes que atuam direta, ou indiretamente, junto a esta e a outras comunidades. Eles devem ser levados a desenvolver formas de relacionamento e intervenção que se adequem à valorização de patrimônios orais e à manutenção das diferenças culturais. O segundo reúne um conjunto de medidas voltadas para a revitalização interna das formas de expressão gráficas e de transmissão oral entre os Wajápi.



*Moju rima - Xerimbabos da anaconda
Kasiripina Wajápi/2001*



Plano de Ação

Campanhas de sensibilização e informação, difusão dos patrimônios materiais de grupos indígenas brasileiros e pesquisa e elaboração dos dados num inventário participativo são os três conjuntos de ações que compõem o primeiro componente desse Plano de Ação.

As quatro instituições envolvidas nessa proposta de trabalho também contarão com a colaboração direta da equipe do Programa Wajápi/Iepé (Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena), vinculado ao NHII/USP, e serão responsáveis pelo desenvolvimento do "Plano integrado de valorização dos conhecimentos tradicionais para o desenvolvimento socioambiental sustentável da comunidade Wajápi do Amapá". Todo o processo será gerenciado pelo Conselho das Aldeias Wajápi/Apina, sob a supervisão do Conselho Consultivo, formado por representantes das instituições parceiras.

As atividades e metas principais do plano integrado incluem o diagnóstico permanente do processo de consolidação das formas de transmissão oral; procedimentos e focos prioritários para a avaliação dos resultados; atividades de pesquisa científica, de registro e de inventário do sistema gráfico *kusiwa* e do conjunto dos saberes orais a ele vinculados. A implantação de um centro de referências da cultura dos Wajápi (os índios preferem denominar de "centro de formação") e a continuidade da formação de professores e de pesquisadores indígenas - responsáveis pela consolidação de programas de educação diferenciada, incluindo a alfabetização e o ensino fundamental na língua materna, e pela elaboração de materiais didáticos de interesse da comunidade - são outras prioridades do plano de ações. A participação e o comprometimento dos Wajápi com todas as atividades já realizadas e com as ações propostas no dossiê são elementos essenciais para a preservação e o fortalecimento das expressões gráficas e orais dessa comunidade.

Ações

CAMPANHAS E DIFUSÃO

Instituições Envolvidas

Museu do Índio/FUNAI
Núcleo de Educação Indígena do Amapá
Ministério da Cultura

REVITALIZAÇÃO INTERNA

Pesquisa e formação de pesquisadores indígenas

Instituições Envolvidas

NHII/USP*
*Colaboração direta do Programa Wajápi/Iepé
Museu do Índio/FUNAI

Registro das formas de expressão cultural e dos conhecimentos orais pelos próprios Wajápi

Instituições Envolvidas

Conselho das Aldeias Wajápi/Apina, com assessoria do Museu do Índio/FUNAI e do NHII/USP, além de outros colaboradores

Centro de formação e referência da cultura Wajápi

Instituições Envolvidas

Conselho das Aldeias Wajápi/Apina
Museu do Índio/FUNAI
Ministério da Cultura
NHII/USP*

*Colaboração do Iepé

Plano de gestão ambiental da Terra Indígena

Instituições Envolvidas

Conselho das Aldeias Wajápi/Apina
Programa Wajápi/Iepé*

*Suporte do Fundo Nacional de Meio Ambiente do Ministério do Meio Ambiente

Plano de gestão ambiental da Terra Indígena

Instituições Envolvidas

Conselho das Aldeias Wajápi/Apina
Programa Wajápi/Iepé*
*Colaboração do Núcleo de Educação Indígena do Amapá, do NHII/USP, da Coordenação de Escolas Indígenas do MEC e da Coordenação de Educação Indígena da FUNAI

Fonte: Boletim do Museu do Índio – nº09 Documentação Outubro,2002 - Expressão gráfica e oralidade entre os Wajápi do Amapá – Brasil.